**[TERCEIRA GERAÇÃO DA POESIA ROMÂNTICA](https://www.portugues.com.br/literatura/terceira-geracao-romantismo-no-brasil.html) – CONDOREIRA, SOCIAL OU HUGOANA**

[Terceira geração da poesia romântica](https://www.portugues.com.br/literatura/terceira-geracao-romantismo-no-brasil.html), formada por poetas ligados à **corrente condoreira ou hugoana**, como também é chamada essa geração literária por ter recebido influência do escritor francês VictorHugo (1802-1885), em cujas obras o **teor social** manifesta-se de forma contundente, principalmente no romance *Os miseráveis* (1862).

Os condoreiros, comprometidos com a **causa abolicionista e republicana**, desenvolveram uma poesia voltada à exterioridade social, tendo como finalidade convencer o leitor da pertinência da causa defendida nos seus versos.

**CASTRO ALVES**

Considerado como a última grande voz da poesia do romantismo, Castro Alves, apesar de ter morrido muito jovem, aos 24 anos, deixou uma obra significativa:

* *As espumas flutuantes*(1870);
* *A cachoeira de Paulo Afonso* (1876);
* *Os escravos* (1883);
* *Obras completas* (1921), em que consta o livro inédito *Hinos do Equador*.

**“O navio negreiro”**

O extenso poema “O navio negreiro”, que **faz parte da obra *Os escravos***(1883), é uma das mais contundentes críticas já feitas no plano literário, no Brasil, à realidade de uma nação que foi uma das últimas a pôr fim na prática do trabalho escravo.

Nesse [poema](https://www.portugues.com.br/literatura/poema.html) são construídas imagens que remetem o leitor ao **cenário desumano** a que a população negra era submetida quando traficada da África para o Brasil. Essa prática persistiu no país mesmo após a aprovação da Lei Eusébio de Queirós, em 4 de setembro de 1850, a qual proibia a entrada de africanos escravizados. Dividido em seis partes, observa-se em cada uma delas um enfoque que contribui para a apresentação dessa triste passagem da história brasileira.

**Parte I**

Constituída por 11 estrofes, cada uma com quatro versos, essa parte do poema serve ao eu lírico para que ele **situe o leitor no espaço marítimo,** onde transcorre as ações evocadas, como se nota no seguinte trecho:

Por que foges assim, barco ligeiro?

Por que foges do pávido poeta?

Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira

Que semelha no mar — doudo cometa!

**Parte II**

Quatro estrofes, de 10 versos cada, compõem a segunda parte de “O navio negreiro”, momento do poema em que o eu lírico detém-se na **tripulação de marinheiros que trabalha no navio**, oriunda de diversas localidades da Europa.

Que importa do nauta o berço,

Donde é filho, qual seu lar?

Ama a cadência do verso

Que lhe ensina o velho mar!

**Parte III**

Na terceira parte, composta por uma única estrofe de seis versos, o eu lírico inicia a **exposição do quadro grotesco que se desenrola nos porões do navio**:

Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!

É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ...

**Parte IV**

Seis estrofes compõem a quarta parte de “O navio negreiro”. Nela, a voz poética **intensifica a descrição das cenas desumanas** a que eram submetidos os negros trazidos à força da África:

Negras mulheres, suspendendo às tetas

Magras crianças, cujas bocas pretas

Rega o sangue das mães:

Outras moças, mas nuas e espantadas,

No turbilhão de espectros arrastadas,

Em ânsia e mágoa vãs!

**Parte V**

Nesta parte do poema, formada por nove estrofes, cada uma com 10 versos, o leitor é remetido ao contraste entre **a vida dos negros africanos em seu lugar de origem e a degradação do porão do navio**, como ilustram os versos seguintes:

Ontem a Serra Leoa,

A guerra, a caça ao leão,

O sono dormido à toa

Sob as tendas d'amplidão!

Hoje... o porão negro, fundo,

Infecto, apertado, imundo,

Tendo a peste por jaguar...

**Parte VI**

As imagens construídas na última parte do poema, constituída por três estrofes de oito versos cada, servem como um **questionamento ao país que se prestou a compactuar com a infâmia do process escravocrata**:

Existe um povo que a bandeira empresta

P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...

E deixa-a transformar-se nessa festa

Em manto impuro de bacante fria!...

Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,

Que impudente na gávea tripudia?

**Exemplos de poemas de Castro Alves**

A **temática abolicionista**, registrada em “O navio negreiro”, perpassa outras obras poéticas de Castro Alves. Em **“Vozes d’África”**, por exemplo, longo poema da obra *Escravos*, a denúncia à escravidão apresenta-se em forma de súplica à justiça divina, como se evidencia nestas estrofes do poema:

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?

Em que mundo, em qu’estrela tu t’escondes

Embuçado nos céus?

Há dois mil anos te mandei meu grito,

Que embalde desde então corre o infinito...

Onde estás, Senhor Deus? ...

[...]

Hoje em meu sangue a América se nutre

Condor que se transformara em abutre,

Ave da escravidão,

Ela juntou-se às mais... irmã traidora

Qual de José os vis irmãos outrora

Venderam seu irmão.

Basta, Senhor! De teu potente braço

Role através dos astros e do espaço

Perdão p'ra os crimes meus!

Há dois mil anos eu soluço um grito...

escuta o brado meu lá no infinito,

Meu Deus! Senhor, meu Deus!!...

Nesse longo poema, cujas três estrofes exemplificam o tom que o perpassa do início ao fim, **a África é alçada à condição de eu lírico**. Essa personificação intensifica a denúncia à escravidão, já que o próprio continente clama a Deus ante a escravidão que vitima seus habitantes, os quais, em outros continentes, como a América, constituirão a principal força de trabalho.

O poema “As vozes d’África” continua, mesmo na contemporaneidade, ecoando como um **grito em prol dos excluídos**. Em 2017, por exemplo, os cantores e compositores Carlinhos Brown, Arnaldo Antunes e Marisa Monte, integrantes do grupo Tribalhistas, compuseram a canção “Diáspora”, em que estabelecem um diálogo [intertextual](https://www.portugues.com.br/redacao/intertextualidade.html) com esse a estrofe inicial de “Vozes d’África”. Ao estabelecer um **paralelo com a atual crise de refugiados** que afeta milhares de sírios, o grupo musical brasileiro explicita a atualidade da luta por justiça social tão recorrente na poesia de Castro Alves.

Mas não só de denúncia social é constituída a obra do poeta baiano. Em *Espumas flutuantes* (1870), observa-se poemas em que o eu lírico devota-se ao **amor romântico**, como se nota no famoso “O ‘adeus’ de Teresa”:

***O "adeus" de Teresa***

A VEZ PRIMEIRA que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus...
E amamos juntos... E depois na sala
"Adeus" eu disse-lhe a tremer co'a fala...

E ela, corando, murmurou-me: "adeus."

Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...
E da alcova saía um cavaleiro
Inda beijando uma mulher sem véus...
Era eu... Era a pálida Teresa!
"Adeus" lhe disse conservando-a presa...

E ela entre beijos murmurou-me: "adeus!"

Passaram tempos... sec'los de delírio
Prazeres divinais... gozos do Empíreo...
...Mas um dia volvi aos lares meus.
Partindo eu disse — "Voltarei! ... descansa! ..."
Ela, chorando mais que uma criança,

Ela em soluços murmurou-me: "adeus!"

Quando voltei... era o palácio em festa! ...
E a voz d'Ela e de um homem lá na orquestra
Preenchiam de amor o azul dos céus.
Entrei! ... Ela me olhou branca... surpresa!
Foi a última vez que eu vi Teresa! …

E ela arquejando murmurou-me: "adeus!"

Nesse poema, observa-se, nas primeiras estrofes, a imagem de uma mulher, Teresa, apresentada como objeto de desejo de um **eu lírico masculino**, algo muito comum nas obras produzidas durante o movimento romântico. Ao fim de cada estrofe, por exemplo, sua voz aparece formulando um “adeus” em resposta ao “adeus” expressado pela voz masculina. Nota-se, assim, que é ele o sujeito que determina os momentos de término e de volta do relacionamento.

Entrentanto, esse **tom de submissão da figura feminina é quebrado na última estrofe**, quando a voz de Tereza expressa um “adeus” a seu antigo amante, o eu lírico, não em resposta a um adeus dado previamente por ele, como aconteceu nas estrofes anteriores, mas como um adeus de despedida de alguém que escolheu trilhar seu caminho junto a outra pessoa e que, por isso, põe fim, definitivamente, na relação amorosa.

Essa **vertente lírico-amorosa**, presente em *Espumas flutuantes*, embora não seja a marca crucial da poesia de Castro Alves, é prova de que o “poeta dos escravos”, cujo lirismo voltou-se contundentemente à luta por justiça social, tão necessária no século XIX e ainda hoje, também soube voltar-se à interioridade subjetiva. Castro Alves, portanto, foi um grande poeta.

**ATIVIDADES**

1. A terceira geração do romantismo possui características marcantes que se relacionam com o momento histórico, político e social e por tais motivos

a) é conhecida também com byroniana ou ultrarromântica por possuir uma visão pessimista e decadente da vida e da sociedade. Possui como características o sofrimento amoroso, a valorização da morte, a tristeza, a melancolia e o misticismo.

b) é conhecida também como condoreira. Possui como marca poética a denúncia das desigualdades sociais e a defesa da liberdade.

c) é conhecida também como nacionalista ou indianista. O foco poético está na natureza tropical, no patriotismo, nos eventos históricos e no indígena brasileiro.

d) traz traços do Parnasianismo, em virtude das abordagens feitas e da estrutura textual desses autores.

e) representa os desejos de toda uma sociedade, inconformada com a condição vivida pelos escravos negros no país.

2.

**O navio negreiro**

**V**

*Senhor Deus dos desgraçados!*
*Dizei-me vós, Senhor Deus!*
*Se é loucura... se é verdade*
*Tanto horror perante os céus?!*
*Ó mar, por que não apagas*
*Co'a esponja de tuas vagas*
*De teu manto este borrão?...*
*Astros! noites! tempestades!*
*Rolai das imensidades!*
*Varrei os mares, tufão!*

*Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós*
*Mais que o rir calmo da turba*
*Que excita a fúria do algoz?*
*Quem são? Se a estrela se cala,*
*Se a vaga à pressa resvala*
*Como um cúmplice fugaz,*
*Perante a noite confusa...*
*Dize-o tu, severa Musa,*
*Musa libérrima, audaz!...*

*São os filhos do deserto,
Onde a terra esposa a luz.*
*Onde vive em campo aberto*
*A tribo dos homens nus...*
*São os guerreiros ousados*
*Que com os tigres mosqueados*
*Combatem na solidão.*
*Ontem simples, fortes, bravos.*
*Hoje míseros escravos,*
*Sem luz, sem ar, sem razão. . .*

*São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também.*
*Que sedentas, alquebradas,*
*De longe... bem longe vêm...*
*Trazendo com tíbios passos,*
*Filhos e algemas nos braços,*
*N'alma — lágrimas e fel...*
*Como Agar sofrendo tanto,*
*Que nem o leite de pranto*
*Têm que dar para Ismael.*
*(...)*

O trecho do poema de Castro Alves “O Navio Negreiro”, poeta da terceira geração do romantismo, expõe

a) um eu lírico que expressa um sentimento de revolta à escravidão e ao tráfico de seres humanos.

b) uma crítica ao comportamento submisso dos escravos.

c) que Castro Alves foi um poeta que se destacou por meio da denúncia social, expressa em seus poemas, tal qual Gonçalves Dias.

d) que poema épico “O Navio Negreiro” é marcado pelo pessimismo, a revolta e o valor da morte, algumas características da terceira geração do Romantismo.

e) o sentimento nacionalista está presente no poema ao apresentar uma idealização do Brasil por alguém que está exilado.

3.

**O GONDOLEIRO DO AMOR**

Dama-negra
Teus olhos são negros, negros,
Como as noites sem luar...
São ardentes, são profundos,
Como o negrume do mar;

Sobre o barco dos amores,
Da vida boiando à flor,
Douram teus olhos a fronte
do Gondoleiro do amor.

Tua voz é a cavatina
Dos palácios de Sorrento,
Quando a praia beija a vaga,
Quando a vaga beija o vento;
E como em noites de Itália,
Ama um canto o pescador,
Bebe a harmonia em teus cantos
O Gondoleiro do amor.

Teu sorriso é uma aurora,
Que o horizonte enrubesceu,
Rosa aberta com o biquinho
Das aves rubras do céu.

Nas tempestades da vida
Das rajadas no furor,
Foi-se a noite, tem auroras
O Gondoleiro do amor.

Teu seio é vaga dourada
Ao tíbio clarão da lua,
Que, ao murmúrio das volúpias,
Arqueja, palpita nua;

Como é doce, em pensamento,
Do teu colo no langor
Vogar, naufragar, perder-se
O Gondoleiro do amor!?

Teu amor na treva é - um astro,
No silêncio uma canção,
É brisa - nas calmarias,
É abrigo - no tufão;

Por isso eu te amo querida,
Quer no prazer, quer na dor...
Rosa! Canto! Sombra! Estrela!
Do Gondoleiro do amor.

ALVES, Castro*. Poesias completas de Castro Alves.*

A poesia de Castro Alves vai além de sua produção abolicionista, apesar de ser o grande referencial de sua obra. No que se refere à lírica amorosa, é marcada por elementos como

a) a presença de um sensualismo por meio de uma descrição de uma mulher real, concreta, com características típicas da mulher. Além disso, o amor é expresso de forma real, concreto e possível de ser vivido e realizado.

b) a visão dos românticos era impregnada de um olhar pessoal sobre a realidade, que era descrita de forma idealizada. Isso também se aplicava à pátria. O sentimento nacionalista de um país recém-independente era expresso de forma exagerada, uma vez que eram exaltados apenas os aspectos positivos da pátria.

c) o pessimismo presente no poema era conhecido como “mal do século”, no qual o artista achava impossível realizar seus desejos. Há a presença de tédio, morbidez, sofrimento, pessimismo, negativismo, satanismo, masoquismo, cinismo e autodestruição.

d) o descritivismo exagerado, marca das obras realistas, fonte de inspiração do poeta para suas produções.

e) rebuscamento linguístico, haja vista o texto parnasiano estar mais próximo da produção romântica desse período.

4. **Navio Negreiro**

Castro Alves

Era um sonho dantesco... O tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar do açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...
Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras, moças... mas nuas, espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoas vãs.
Presa nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece...
Outro, que de martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra
E após, fitando o céu que se desdobra
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

O poema acima pertence a Castro Alves, autor considerado símbolo da terceira fase romântica. Sua obra, no que se refere à estrutura, apresenta

a) o estilo, a seleção lexical e a sintaxe do poema que prenunciam características do modernismo literário.

b) foco num problema social, o que faz com o que o poema seja predominantemente dissertativo.

c) temática que nos permite concluir que se trata de um exemplo de poesia condoreira, em que a emoção é utilizada para reforçar a denúncia que se pretende empreender.

d) o esquema de rimas apresentado no poema pode ser representado por AABBCC.

e) elementos peculiares que o ligam estritamente ao período ultrarromântico.

5. A palavra de Castro Alves seria, no contexto em que se inseriu, uma palavra aberta à realidade da nação, indignando-se o poeta com o problema do escravo e entusiasmando-se com o progresso e a técnica que já atingiam o meio rural. Esse último aspecto permite afirmar que Castro Alves

a) identifica-se aos poetas da segunda geração romântica no que se refere à concepção da natureza como refúgio.

b) afasta-se, nesse sentido, de outros poetas, como Fagundes Varela, que consideram o campo um antídoto para os males da cidade.

c) trata a natureza da mesma forma que o poeta árcade que o antecedeu.

d) antecipa o comportamento do poeta parnasiano que se entusiasma com a realidade exterior.

e) idealiza a natureza da pátria, buscando preservar a sua simplicidade e pureza, tal como Gonçalves Dias.

**GABARITO**

1 – B; 2 – A; 3 – A; 4 – C; 5 – B